



Café com Emily

Por Emily Caroline

“Histórias que inspiram, conversas que transformam!”

- Me acompanhe no instagram @emilypiovesandore e venha tomar um café comigo. Histórias reais sempre têm lugar à mesa!

c @emilypiovesandore

Nem toda opinião precisa virar uma guerra

Emily Doré/Gerada com IA



A maturidade está em saber ouvir

Tenho pensado muito em como desaprendemos a discordar.

Não sei exatamente quando isso aconteceu, mas parece que, em algum ponto, deixamos de enxergar uma opinião diferente como apenas uma opinião diferente. Ela passou a ser uma provocação. Um ataque. Quase uma afronta pessoal.

Basta alguém dizer “eu penso diferente” e, muitas vezes, a conversa muda de tom.

A pessoa já não escuta para entender. Escuta para responder.

Enquanto o outro fala, ela procura mentalmente o argumento que vai usar depois. Lembra de uma situação parecida, recupera uma frase antiga, pensa em alguma coisa que poderia desqualificar o que acabou de ouvir. A conversa deixa de ser uma troca e passa a ser uma disputa silenciosa para descobrir quem terá a última palavra.

E, sinceramente, que cansaço.

Não precisamos concordar com todo mundo.

Essa talvez seja uma das coisas mais simples que a gente esqueceu.

Eu posso gostar de uma coisa que você não gosta. Posso enxergar uma situação de uma maneira completamente diferente da sua. Podemos ter opiniões opostas sobre escolhas pessoais, política, trabalho, educação, dinheiro, criação dos filhos ou qualquer outro assunto. Isso faz parte de ser gente.

O problema começa quando acreditamos que uma pessoa que pensa diferente de nós, necessariamente, é uma pessoa pior.

É aí que a opinião deixa de ser opinião e começa a virar julgamento.

Tenho a impressão de que, muitas vezes, defendemos determinadas ideias com uma intensidade que nem sequer usamos para defendê-las na nossa própria vida. Queremos convencer o outro, explicar, corrigir, provar. Precisamos que ele reconheça que estamos certos.

Mas por quê?

O que realmente muda na nossa vida quando alguém, depois de uma discussão, admite que perdeu? Talvez nada.

E, mesmo assim, gastamos uma quantidade enorme de energia tentando vencer discussões que não vão mudar absolutamente nada.

Existe ainda outra questão: nós também

mudamos.

Aquilo que eu penso hoje não necessariamente será aquilo que vou pensar daqui a alguns anos. A experiência muda pessoas. Uma conversa pode mudar uma percepção. Uma situação que eu nunca tinha vivido pode me fazer compreender algo que antes eu julgava com facilidade.

Por isso, tenho cada vez mais dificuldade com quem fala sobre qualquer assunto como se tivesse alcançado a verdade definitiva. A vida é muito maior do que as nossas certezas. E reconhecer isso não diminui ninguém. Pelo contrário.

Para mim, existe uma diferença importante entre ter princípios e acreditar que somente a nossa maneira de enxergá-los é válida. Ter convicções é necessário. Saber defendê-las também. Mas existe uma linha que, quando ultrapassada, transforma firmeza em arrogância.

E essa linha costuma aparecer justamente quando deixamos de discutir uma ideia e começamos a atacar quem está do outro lado.

A internet tornou isso ainda mais evidente.

Atrás de uma tela, as pessoas parecem esquecer que existe alguém do outro lado. Uma pessoa que tem família, problemas, medos, histórias que você não conhece e experiências que talvez sejam completamente diferentes das suas.

É muito fácil reduzir alguém a uma frase. Difícil é lembrar que aquela frase é apenas uma parte de uma pessoa inteira.

Por isso algumas discussões nas redes são tão agressivas. Não estamos mais conversando com pessoas. Estamos conversando com versões delas que criamos na nossa cabeça. E quando fazemos isso, fica muito fácil odiar.

Também acho curioso como confundimos sinceridade com falta de educação. “Eu só estou sendo sincero” se tornou uma espécie de autorização para dizer qualquer coisa de qualquer jeito. Mas sinceridade não exige crueldade.

Você pode falar a verdade sem fazer questão de machucar. Pode discordar sem diminuir. Pode colocar um limite sem humilhar.

Isso não é ser fraco. É ter controle sobre aquilo que você escolhe colocar no mundo. Porque palavras não desaparecem simplesmente porque a discussão acabou. Algumas ficam. Ficam em uma amizade que muda depois de uma conversa. Ficam em um relacionamento que passa a carregar uma distância que antes não existia.

Ficam na memória de alguém que talvez nunca conte o quanto determinada frase doeu.

E não estou dizendo que devemos viver pisando em ovos. Não se trata disso.

Precisamos saber discordar. Precisamos saber dizer não. Precisamos defender aquilo em que acreditamos. Precisamos, inclusive, reconhecer quando uma ideia é perigosa, injusta ou desrespeitosa.

Mas nem toda diferença precisa virar confronto. Nem toda provocação precisa de resposta. Nem toda opinião merece uma batalha.

Uma das maiores demonstrações de maturidade é perceber que algumas discussões simplesmente não precisam ser vencidas. E talvez seja ainda mais difícil admitir que, em determinadas conversas, podemos estar errados.

Gosto dessa possibilidade. Não porque seja confortável, mas porque ela mantém a porta aberta para aprender.

Quem acredita que já sabe tudo não precisa mais ouvir ninguém. E uma pessoa que não consegue ouvir também vai deixando, aos poucos, de aprender.

No fundo, acho que estamos precisando recuperar uma coisa bastante simples: a capacidade de conversar. Conversar de verdade.

Sem transformar cada diferença em ameaça. Sem precisar encontrar um culpado. Sem aquela necessidade quase infantil de ter sempre a última palavra.

Talvez a gente não precise concordar mais, precisamos apenas aprender a discordar melhor.

Porque pessoas diferentes vão continuar existindo. Pensamentos diferentes também. E ainda bem, porque o mundo seria um lugar muito pobre se todos nós tivéssemos as mesmas histórias, as mesmas escolhas e as mesmas certezas.

A diferença nunca foi o problema. O problema começa quando deixamos de respeitar a pessoa só porque não gostamos da opinião que ela tem.

E, se uma conversa não conseguiu mudar a opinião de ninguém, talvez ainda possa ter servido para alguma coisa: lembrar que do outro lado existe alguém que, assim como nós, está tentando entender a vida com as ferramentas que tem.

Nem toda opinião precisa virar uma guerra. Às vezes, ela pode simplesmente ser diferente. E nós podemos continuar seguindo em frente.

Emily Reflete

“Que sei eu?”
— Michel de Montaigne

Dicas da Semana

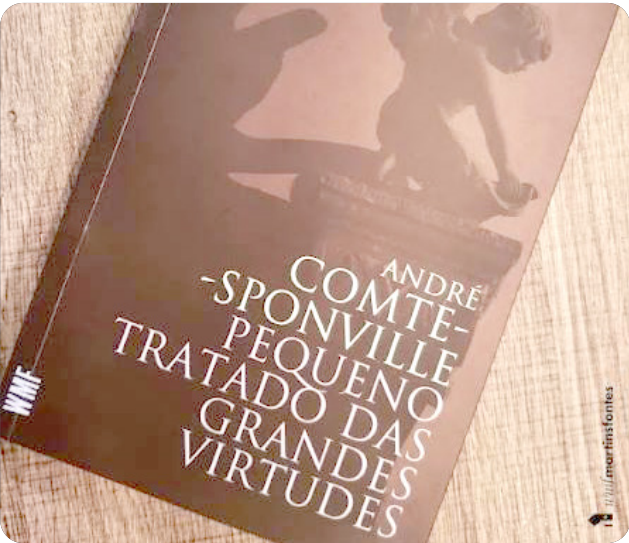
Pra ouvir

PACIÊNCIA - LENINE



Pra ler

PEQUENO TRATADO DAS GRANDES VIRTUDES
- ANDRÉ COMTE-SPONVILLE



Pra assistir

12 HOMENS E UMA SENTENÇA

